

## **“OVELHA NEGRA E AMIGA LOURA”, DE SONIA COUTINHO: AMIZADE E COMPETIÇÃO ENTRE SUJEITOS FEMININOS**

**ÉLIDA CAZÉ (ALUNA ESPECIAL DO MESTRADO/UFPB)**

“Ovelha Negra e Amiga Loura” é mais uma obra literária da escritora baiana Sônia Coutinho, publicada num livro de contos que leva o mesmo título do conto específico que analisaremos. Esta coletânea de contos faz com que seus leitores tenham a impressão de que as narrativas apresentadas seqüencialmente estão entrelaçadas, parecendo até que uma é a continuação de outra. Isto provavelmente se deve ao fato de que todas elas tratam de assuntos corriqueiros, do cotidiano de pessoas comuns, e ainda todos os enredos têm alguma ligação com a cidade de Solinas, de onde vários personagens vieram ou onde alguns permanecem. O efeito é que temos a impressão de que todos os protagonistas dos contos são pertencentes à mesma família ou círculo social.

No conto analisado, a autora apresenta um narrador em terceira pessoa, que em alguns momentos da narrativa se aproxima bastante da voz ou pelo menos do ponto de vista de uma das personagens, Ovelha Negra, o que se pode perceber na passagem: “Naquele período, Amiga Loura se casou, como era previsível, com um homem muito rico. E logo começou a ter filhos, chegando a um total de seis, no início dos anos 80” (p. 15)<sup>1</sup>. De fato, há momentos em que o(a) leitor(a) não tem certeza se quem está narrando é o narrador onisciente ou a própria Ovelha Negra, de tão presente que se torna o olhar da personagem, que conheceu toda a estória, que sabe tudo sobre aquela amizade.

Foi em 1971 que ela e a Loura se conheceram e ficaram amigas. Quando foram apresentadas, eram jovens e bonitas. E descobriram que ambas escreviam. Amiga Loura, romances um tanto quanto água-com-açúcar, baseados na história de Solinas, que ela publicava, por conta da sua família, numa gráfica local. Já os poemas da Ovelha, inéditos, eram agressivos, com sugestões que chocavam algumas pessoas. (p. 13 )

Além disso, há ainda passagens em que não se sabe se a personagem está narrando ou se o narrador tem acesso ao fluxo de consciência da mesma. Um leitor mais atento passa a se questionar se Ovelha Negra está dizendo ao narrador que vai contar a história de anos atrás ou se o narrador tem acesso aos pensamentos mais íntimos da personagem. Isto pode ser observado na citação: ‘Já posso contar essa história, pensa Ovelha Negra, anos depois, colocando no aparelho de som um CD de Glenn Miller, que começa com “Moonlight Serenade”. Sim, já posso falar da Amiga Loura e de Solinas, falar de três décadas de uma amizade que acabou’ ( p. 13).

Contudo, em certo ponto da narrativa, é confirmado que existe tanto uma figura narrativa quanto a voz de alguém que escreve. Isso fica bastante claro na seguinte passagem: “Aqui, ela conseguiu – ah, eu, o escritor, não quero explicar como, é complicado –

---

<sup>1</sup> As referências ao conto são da edição que consta na bibliografia e serão aqui identificados pelo número de página apenas.

um emprego de secretária numa revista de Ecologia. E foi morar num quarto-e-sala alugado, em Copacabana” (p. 15). Coutinho nos surpreende ao colocar interferência direta a partir do sujeito que teoricamente estaria produzindo o texto que lemos.

Ao longo de “Ovelha Negra e Amiga Loura”, Sônia Coutinho discute como se dão as relações de amizade entre pessoas, apontando, com sarcasmo, que na atualidade é muito freqüente se evidenciar amizades que resultam de interesse por uma das partes ou ainda por ambas. Quando um dos indivíduos não tem mais nada a oferecer ao outro, seja dinheiro, poder ou influência, a amizade acaba, gerando até inimizade e a sensação de um inevitável vazio pelo vínculo perdido.

A autora demonstra neste texto que a Amiga Loura alimentou um clima de concorrência entre elas pelo fato da Ovelha Negra não poder lhe oferecer mais nada além de sua amizade sincera. A Amiga Loura se tornou amiga da Ovelha Negra pelo fato de ela ser diferente, fora das regras e expectativas da cidade pequena em que viviam. A Amiga Loura usou a amizade da outra ao longo do período da adolescência, enchendo seus dias com as “loucuras” da amiga. Quando crescem, cada uma tomando um rumo na vida, fica claro que, mesmo em momentos extremos, pouco ficou de sentimento entre elas. O rompimento da amizade pode ser ilustrado pela citação abaixo:

Desesperada, Ovelha pediu ajuda à Loura. Queria que a amiga lhe arranjasse um bom advogado e interferisse junto à sua mãe para ver se a questão se resolvia de forma mais favorável a ela. Mas, para grande surpresa sua, não foi atendida. Percebeu, então, que Amiga Loura estava contra ela: pior, que sempre estivera, no fundo sem que ela se desse conta. (p. 16)

A Amiga Loura se rende à amizade da mãe da Ovelha Negra, porque esta enriqueceu graças a uma herança que foi deixada por um membro da família. Assim, neste momento, tudo o que ela precisa é de status e de pessoas que lhe possam oferecê-lo. E a balança que controla as relações de interesse sempre pende menos para o lado de quem não tem “nada” a oferecer, neste caso, as pessoas pertencentes às classes sociais menos privilegiadas ou que optaram por abrir mão de algo que lhes pertencia por direito.

Na história da humanidade sempre houve quem ficou de fora da festa, da divisão, do proveito – geralmente aí estão os sujeitos marcados como diferentes e inferiores – muitas vezes os negros, os pobres, a mulheres são empurrados para esse lugar. E sempre se esquece dos interesses desses e de suas tímidas ou não tímidas reivindicações. Em “Ovelha Negra e Amiga Loura”, cujos pseudônimos são sugestivos dos perfis das personagens, temos uma mulher que optou por ser “fechada fora”, enquanto a outra, a amiga Loura, optou por ficar “encerrada dentro”, o que nos faz lembrar as palavras de Virgínia Woolf em seu ensaio *Um teto todo seu*, quando essa considera que talvez, apesar de tudo, talvez fosse melhor ser fechada fora – fora das bibliotecas, das universidades, dos sistemas, enfim. Somente nesse “território selvagem” para o qual são empurradas, na concepção defendida por Showalter, é que poderiam surgir experiências diferentes e iluminadoras na vida de tantas mulheres.

É importante ser observada e analisada a escolha dos pseudônimos adotados pela autora. O primeiro, Ovelha Negra, é um pseudônimo muito negativo, de exclusão, com

todas as conotações negativas vinculadas ao termo, tais como – o diferente, o problemático, o não belo. A personagem aparentemente tem a inquietação da busca, e passa seus dias sofrendo e lutando para sobreviver numa sociedade cheia de hipocrisia. O comportamento da personagem Ovelha Negra pode ser ilustrado pela citação: “(Eu, o escritor, imagino para a Ovelha um arquétipo que se contraponha ao da Loura. O dela seria o da Mulher Maldita, Lilith, uma bruxa. Figura que é alvo de crueldades e castigos.)” (p.18).

Lilith, que teria sido a primeira mulher de Adão, foi expulsa do paraíso por querer ter os mesmos direitos que o seu marido tinha, sendo, então, a primeira mulher a se rebelar contra o sistema patriarcal. Além de ser expulsa do paraíso, as passagens na Bíblia que discorriam sobre essa mulher rebelde foram apagadas pela Igreja Católica, provavelmente para não deixar resquícios dessa história primeira de rebeldia feminina. Então, Ovelha Negra pode ser comparada a Lilith, não por serem más, já que maldade é um conceito problemático, mas sim, por terem sofrido perdas e referências, chegando à expulsão do seu antigo habitat. É interessante observar como o arquétipo de Lilith ressoa ao longo das descrições referentes à personagem Ovelha Negra. De Lilith se disse o seguinte:

Ela é descrita como a primeira mulher de Adão. Ela brigou com Adão, reivindicando igualdade em relação a seu marido, deixando-o "fervendo de cólera". Lilith queria liberdade de agir, de escolher e decidir, queria os mesmos direitos do homem, mas quando constatou que não poderia obter status igual, se rebelou e, decidida a não submeter-se a Adão e, a odiá-lo como igual, resolveu abandoná-lo. Segundo as versões aramaica e hebraica do Alfabeto de Ben Sirá (século 6 ou 7).<sup>2</sup>

No conto, de fato temos o isolamento total vinculado à Ovelha Negra, como se fosse um castigo a exclusão resultante de sua desobediência. As amigas, a família, a antiga cidade, todos a traem e a eliminam, levando-nos a crer que as escolhas da Ovelha teriam sido as “erradas”.

Já o arquétipo da Amiga Loura é praticamente o contrário da Ovelha Negra. Pode ser comparado com aquele ditado popular: “*Por fora, bela viola. Por dentro, pão bolorento.*” Ela apenas usou a amiga enquanto isso lhe foi necessário e, assim que opta por outros caminhos, sabe imediatamente criar separações e dificuldades para qualquer encontro entre as velhas amigas. Na passagem abaixo do conto, percebemos como as coisas que a Loura agora possui a separam de Ovelha Negra e de todos outros que não se inserem em seu mundo:

Na verdade, mesmo se dizendo rebelde, a vida da Loura sempre fora outra. Era uma mulher convencional, do tipo que não esquece sua boa base de conforto. Afinal se assumiu, por assim dizer, e passou a desfrutar sem constrangimento sua posição de Casada Rica. Ovelha entendeu isso num relance quando a viu, certo dia, entrando em seu grande carro negro, com motorista. Os vidros fumê foram fechados e sombrearam de repente, em pleno sol de Solinas, o rosto só levemente envelhecido da Loura, que se tornara severo, mais ainda era belo.  
(fonte online, p. 16)

---

<sup>2</sup> A referência desta passagem que foi extraída da internet, encontra-se ao final do texto junto às demais.

Além disso, a Amiga Loura é marcada por um substantivo positivo – “Amiga” – e em seguida pelo adjetivo - “Loura”, algo valorizado pela cultura que faz a grande maioria preferir fenótipos europeizados, à La Xuxa, aos mais tipicamente nacionais. Historicamente, o bem foi vinculado à luz, os anjos aos louros, o céu ao claro. Portanto, a Amiga Loura estaria em outra esfera simbólica se comparada às trevas que envolvem sua amiga Ovelha Negra; A Loura estaria do lado daqueles que deram certo, que se elevaram.

O uso que Coutinho faz dos pseudônimos é interessante, pois ao longo da leitura tendemos a nos compadecermos mais da Ovelha Negra, tão melhor desenvolvida, personagem tão redonda, e desconfiamos da Amiga Loura. A autora parece ter querido jogar com os pseudônimos, com os perfis e comportamentos de suas personagens, apontando para a natureza culturalmente construída de qualquer conceito. Ao deslocar os tradicionais sentidos negativos ligados culturalmente (infeliz, mas inegavelmente) ao “negro” para um território com o qual o(a) leitor(a) tende a simpatizar, ao passo que o “louro” passa a ser vinculado ao falso, ao superficial, Coutinho problematiza toda a questão do bem e do mal, provocando uma certa inversão inicial, mas, finalmente, abalando qualquer noção maniqueísta de mundo.

Por fim, é importante destacar que a autora trata de um assunto bem comum na vida das mulheres que é a concorrência ou a competição. Isto pode ser percebido como um aspecto negativo e bastante freqüente na história cultural feminina. Vale destacar que isso se deve ao fato de que, por séculos, a mulher tentou conquistar o seu lugar no mundo, paralelo ao patamar masculino, conquista essa que poderia advir de sua superioridade em relação a outras mulheres ou mesmo de sua sintonia com os valores masculinos culturalmente dominantes. Este tipo de comportamento e lógica social já era apontado, em 1929, pela escritora Virgínia Wolf em “*Um teto todo seu*”, como se observa na passagem:

O único sentimento de Cleópatra a respeito de Otávia é ciúme. Será que ela é mais alta do que eu? Como penteia seu cabelo? Talvez a peça não exigisse mais. Mas teria sido interessante se a relação entre as duas mulheres fosse mais complicadas. Todas essas relações entre mulheres, pensei, recordando rapidamente a esplêndida galeria de mulheres fictícias, são simples demais. Tanta coisa foi deixada fora sem ser experimentada. E tentei recordar-me de algum caso, no curso de minha leitura, em que duas mulheres fossem representadas como amigas. [...] Daí, talvez, a natureza peculiar das mulheres na ficção, os extremos surpreendentes de sua beleza e horror, sua alternância entre bondade celestial e depravação demoníaca [...]. (WOOLF, 2004, p. 91-92)

Além disso, a concorrência que pode ser evidenciada entre mulheres ao longo da história não é nada mais do que um mecanismo de defesa, uma casca, que protege e dá segurança para que essas possam continuar enfrentando as dificuldades ao longo da vida. No conto analisado, há uma concorrência gerada pela Amiga Loura, que se consolida a partir do fim da amizade com a Ovelha. Ela se une a mãe da ex-amiga, talvez para provocá-la, mas com o objetivo de se unir aos vencedores, aos poderosos de sua cidade natal. O amor e a amizade que uniam as duas mulheres deu lugar ao ódio,

tornando impossível a existência de qualquer outro sentimento entre esses dois extremos.

Como foi afirmado no parágrafo anterior, Coutinho como que constrói esse conto através de um olhar feminino, marcado pelas estórias de amizade e ruptura entre mulheres, encontros e desencontros aqui marcados pela competição. Portanto, nas personagens que nos apresenta ao longo do conto, Coutinho, ainda que indicando o quanto o condicionamento feminino em várias instâncias fez, em grande parte, com que as mulheres agissem e vissem o mundo pelos olhos dos homens, sempre houve e sempre haverá focos de resistência, onde a competição, por exemplo, ainda que admitida, seja problematizada por outras perspectivas. Como a crítica Susana Bornéo Funck apontou em seu artigo de 1994 sobre mulher e gênero,

Embora a literatura seja tradicionalmente reconhecida como manifestação artística das aspirações ou características de uma certa cultura em um certo momento, enfim, de uma situação histórico-cultural específica, até muito recentemente o escritor era visto como um ser assexuado, ou quando muito andrógino. (FUNCK, 1994, p. 17)

Enfim, atualmente não se pressupõe que a voz ou o olhar construído pelo autor soe invariavelmente masculino; ao contrário, sabe-se que o lugar de onde falamos, lugar esse marcado pelo nosso sexo, nossa raça, nossa classe, nossa nacionalidade, faz, sim, muita diferença.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

COUTINHO, Sonia. **Ovelha Negra e Amiga Loura**. In: \_\_\_\_\_. *Ovelha Negra e Amiga Loura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

FUNCK, Susana B. **Da questão da mulher à questão do gênero**. In: \_\_\_\_\_. *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 2ª. Ed. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

Disponível em <[http://br.geocities.com/tamis\\_br/lilith.htm](http://br.geocities.com/tamis_br/lilith.htm)>, acessado em 20/08/2007 às 16:00